

QUARTA-FEIRA
Lisboa-31 de Dezembro-de-1930

5.º ANO
500 **TOES**

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

241

sempre

fixe

semanário humorístico



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

UMAS BOAS "ENTRADAS"... DE "MASSA"

(Rico bolo "Reis,, com "Bandelras,, e tudo!)



DR. BIRKETT
Advogado de Waterlow

Ao Juiz WRIGHT, right como pomeos,
J. Valença

Birkett! -- Então fico a chuchar no dedo?
Inocencio Camacho: -- Não fica, não, senhor: a fava é para si.

TESTAMENTO DO ANO DE 1930

Nasci no ano da graça do Senhor e fui batizado, na igreja do Tempo, com o nome de Mil e Novecentos e Trinta, sendo meus pais o falecido ano Mil Novecentos e Vinte Nove Fora Nada e D. Eternidade Perpetua das Dores Noves Fora Eu. Nasci e vivi sempre solteiro, porque nunca encontrei senhora de comprovadas virtudes e da minha igualha—embora este mundo esteja cheio de Anas—que quizesse dar o sagrado nó pelo curto prazo de 365 dias apenas.

Não tendo descendentes, porque na minha familia os filhos são todos postumos, nem ascendentes, porque todos os meus antepassados são já falecidos, passo portanto a dispor livremente de todos os meus bens e males, o que faço pela forma seguinte:

Deixo e lego ao comercio do Chiado uma semana de nove dias, já que numa de oito não houve tempo para ornamentar as montras como convinha a uma semana do Chiado, lembrando-lhe que, se ainda houvesse mocidade nas escolas, a semana do Chiado se teria transformado na semana da Chiada.

Lego e deixo á Camara Municipal de Lisboa toda a vida e mais seis mezes para esperar que a Companhia dos Electricos se resolva a cumprir a ordem de deitar abaixo o guarda chuva do Elevador da Gloria.

Lego e deixo ao Monumento da Guerra Peninsular alguns mezes e bastantes dias para sentarem finalmente alguém na cadeira e aqui deixo recomendado ao filho e aos netos que hei-de vir a ter, que não se esqueçam de fazer igual disposição no seu testamento.

Ao Terreiro do Paço, além do D. José que já lá estava e que não posso levar comigo, lego e deixo as obras de Santa Engracia, para juntar ás catacumbas com que o mimosearam.

Aos meninos do Baile da Graça deixo e lego o mez de Janeiro, com a condição de não andarem á bulha com os gatos nem com as galinhas.

Ao dr. Fortes deixo e lego a Graça e a Penha que são pontos de vista de encher o olho.

A garrafa do Porto-Ferreirinha, da Praça dos Restauradores que costuma sair na noite de Natal para ir passar a noite com a familia, lego e deixo todos os banquetes de homenagem que se realizem, embora reconheça que não ha saca-rolhas para tamanho gargalo.

Ao governo do meu paiz deixo e lego as horas vagas, porque emfim sempre são vagas.

Aos cangalheiros de Lisboa lego e deixo as horas mortas,

porque emfim sempre são mortas.

A's creadas de servir deixo as horas de saida e aos primos taratas as horas de entrar de lachina.

Aos «chauffeurs», deixo as horas de estalar para que nunca lhes falte ocasião de fazer estalar os transeuntes, ainda que não seja senão com uma caqueirada do guarda-lama.

A's senhoras recentemente casadas lego e deixo nove mezes para resolverem qualquer assunto pendente.

Ao sr. Pereira da Rosa lego e deixo um Seculo inteirinho, com anuncios e tudo.

Ao sr. Eduardo Swalbach, deixo a ultima hora da minha vida e uma fotografia para acompanhar o necrologio.

Ao sr. Fernando de Souza lego e deixo uma novena na Conceição Nova, já que a velha não dá nada.

Ao sr. Acurcio Pereira lego

e deixo o mez de Fevereiro, que é o mais maneirinho que se pode arranjar, afim de o não sobrecarregar, de harmonia com a legislação relativa a menores.

Ao sr. dr. José de Figueiredo lego e deixo todos os mezes em que haja exposições internacionais para ir mostrar a nossa riqueza artistica com bilhete de ida e volta.

Ao Anuario Commercial deixo o recheio da minha casa, na parte que lhe possa ser util, depois de devidamente restaurados alguns trastes que se tenham avariado.

Ao Correia da Livraria Portugalia lego e deixo mais duas horas uteis em cada dia, para que passe a andar menos atarefado.

Ao teatro português deixo uma hora de azar, para juntar ás muitas que conta no seu activo, além de todas as estrelas que alumiam as minhas noites a vêr se com elas

consegue iluminar as bilheteiras.

Outras disposições da minha ultima vontade desejo ainda fazer, a saber:

Na hora do meu passamento desejo ser ungido com os santos oleos do Porto-Ferreirinha e do Colares, Francisco Costa, não devendo faltar tambem o Agueira do sr. Conde de Agueda, a quem deixo as garrafas vazias que houver no meu espolio, só para que estejam em condições de se tornar a encher.

O meu enterro será religioso, como manda a Santa Madre Igreja, isto é, acompanhado de vinho com agua, mas não desejo turnos no cemiterio, porque nem depois de morto estou disposto a dar borlas.

Discursos tambem os não quero, porque não posso suportar que aqueles que em vida me chamaram maroto, passem a elogiar-me só porque se veem livres de mim.

O meu corpo será lançado á vala comum ao dar da meia noite do dia 31 de Dezembro e, em vez de dobres de finados, dir-me-hão o ultimo adeus as sereias dos navios e as buzinas dos automoveis, se ainda houver algum «chauffeur» sobrevivente para as tocar.

Coroas não as quero, senão em forma de bolo-rei e essas mesmo deverão ser devoradas á beira da minha sepultura, exactamente como se fossem uma herança devorada pelos parentes logo apoz a morte do ente querido, sempre chorado e nunca esquecido, tudo isto acompanhado de lagrimas e lamurias por eu ter morrido tão tarde e a más horas.

Tambem não quero exequias nem missas por minha alma. Bem basta que, uma vez por outra, se lembrem que o meu filho 1931 ainda foi peor do que eu e só isso me fará entrar no reino dos ceus.

Muito desejaria que o meu enterro levasse um grande acompanhamento, não só para dar razão aqueles que diziam que eu havia de levar um grande enterro, mas tambem para que eu não vá sozinho para tão longa viagem, porque, emfim, mais vale mal acompanhado do que só. Pena é que nem todos me possam acompanhar na eternidade, com o que teriam a lucrar os mortos e os vivos.

Este testamento que foi escrito pelo meu proprio punho, e com ele bem fechado, foi aprovado nas notas do notario desta cidade, dr. Manoel Peres Junior, que é quem manda nestas coisas do tempo, aos 27 de Dezembro de mim mesmo.

(U) Ano da Graça e Costa Esgalço de Oliveira e Tal Azar de Souza Cabreira de Mil e Novecentos e Trinta.

Amelia de Souza Morais (ELMA)



A "mamã" das mais lindas bonecas portuguesas. São preferíveis ás de carne e osso, e têm uma vantagem: não falam. Elma, no Natal, expôs na Bobonne, uma collecção delas, que o Menino Jesus comprou todas para dar ás creanças bonitas e ás senhasas que tambem o são.

TEATRO

«RETROZ PRETO..»

Com a assistência dos manes do teatro português, realizou-se, em local indeterminado, umas decore e grave, o «réveillon» dos nossos autores dramáticos. Apareceram muitos, mesmo mais do que costumam aparecer, em letra redonda, assinando a sua segunda peça. Alguns ausentes, delegaram. Foi permitida a comparencia dos mumificados.

Escusado será dizer que esta passagem do ano, substancialmente simbólica, foi coordenada em três actos, escrevendo-se só um para não fatigar o interesse dos leitores — que são eles e nós, que não fazemos peças.

O «réveillon» foi a cor de rosa — de ilusão e «champagne» — de entusiasmo. Começou com as três pancadas de Molière, que não feriram ninguém, assim como as do teatrológico «in-herbis» que, inocentemente, vai acometer o dialogo.

Julio Dantas: — Meus bons amigos! Folgo de me ver em tão brilhante e numerosa companhia. Não sabia que havia tantos!... No meu tempo, era eu, o Marcelino, o D. João da Camara e poucos mais. Uns pobres aprendizes de Racine, se considerarmos bem este banquetete de gênios, a que preside a inspiração...

João Correia de Oliveira: — Dois morreram e o terceiro, que é você está na vida. Não ha maneira de o apanhar fora do poleiro da Academia de Sciencias, nem mesmo que seja com uma «Santa Inquisição» que seja supliciada pelo publico...

Julio Dantas: — Não mais sofrirei os tratos de pele da critica! Na minha posição, seria um disparate! Arriscaria a estatua que a posteridade me ha de consagrar.

Francisco Lage: — Ha quem diga que a veia dramatica do sr. doutor se esgotou.

Julio Dantas: — Não se esgotou; desviou-se...

Ramada Curto: — O quê, ainda vérté?

Julio Dantas: — Ainda faço versos á «Severa». Um quadra para entreter!

Silva Tavares: — Pois eu cá faço-as sem me sentir! A metro, a peso, a litro! Recebo encomendas de toda a parte! Qualquer dia, monto um escritorio de comissões e consignações... poeticas.

Ramada Curto: — «Mutatis, mutandis»... Ha certos criticos pequeninos, venenosos e sem talento que julgam que produzem muito! Qual! Invenham! Desde que me lembram do conselho: «Não se queira trabalhar que nem um negro! Duas peças por ano, não é muito!

Alfredo Cortês: — «O ouro!» «O ouro!»

Ramada Curto: — Carcanhois! Carcanhois!

Carlos Selvagem: — Eu tenho ganho pouco! Devia ter ficado no «Entre Giestas», mas quiz ser o «Herdeiro», do Ibsen, e foi o diabo! O teatro já não dá nada!

Vitoriano Braga: — Não te queixes, homem! Antes dramaturgo do

que andar com a «Casaca Encarnada», de funcionario!

Fernando Santos: — Sigam o meu exemplo! Abandonei as tintas da paleta pelas tintas da revista!

Lino Ferreira: — Isso é comigo! Colaboro em todas e mais não posso, porque só tenho duas mãos.

Alberto Barbosa: — Isso não será demais?

Lino Ferreira: — Bem te entendido!

Alvaro Leal: — Sejam amigos! A vida são dois dias!

Xavier de Magalhães: — Ou duas noites! E' conforme as peças!

José Galhardo: — Não ha peças boas, nem peças más! Agora todas «pegam».

Anibal Nazaré: — Eu que e diga! Em cada «première» repete-se a anedota do creado... Quem para o «puo»?

Feliciano Santos: — No «puo» deve ser o publico!

Lopes de Mendonça: — Não se «acovelmam». Ainda ha lugar para todos!

Antonio Ferro: — Mesm o para os naufragos do «Mar Alto»?

Vasco de Mendonça Aires: — Por quem é, colega, isso não foi um naufragio, foi um banho de agua fria!

Julio Dantas: — E se falessemos da crise do teatro português?

Antonio Carneiro: — Não vale a pena, agora são tudo traduções!

Virginia Vitorino: — Ainda ha bons originais!

Ramada Curto: — Eu que o diga!

João Correia de Oliveira: — Este Ramada sempre é muito modesto!

Julio Dantas: — Desculpem a minha insistencia! Tratemos da crise do teatro português...

Xavier de Magalhães: — Por amor de Deus, doutor, não nos estrague o «réveillon».

Mario Duarte: — Ano novo, vida nova. Já estamos em 1931. Olhem que é um bom numero!

Esculapio: — 1931!... Duvido!... Deve dar um bom 31.

Julio Dantas: — Mas, enfim, o problema do teatro português...

Ramada Curto: — Eureka! Encontrei a maneira de o resolver!

Vitoriano Braga: — Finalmente, está salva a dramaturgia nacional!

João Correia de Oliveira: — Silencio! Silencio! Vamos ouvir!

Ramada Curto: — E' muito simples! Os colegas cortam a coeita, deixando-me sósinho em campo! Garanto que produzo o bastante para acudir ás necessidades do mercado!

Estabelece-se uma grande confusão. Todos protestam. Ramada Curto dá explicações. Trata-se duma inofensiva blague, sem consequencias de maior. Ele, um bom socialista, é contra todos os monopolios. Preza muito a liberdade, até a liberdade da asneira. Os convivas serenam. Enchem-se as taças de champagne, agora levantadas num brinde unanime e caloroso.

Todos: — «Réveillon!» «Réveillon!»

A voz desconhecida: — Quando nos nous réveillèrent d'entre les morts?...

Eva Stachino



— Chegou, cñegou, chegou...

HOMEM DE TODAS AS HORAS.

Graça dos outros

Depois do baile:
Ele: — Meu pai deu-me o mês passado quinhentos escudos para aprender a dançar com um professor!
Ela: — O que fizeste tu ao dinheiro...

— A minha noiva, é a mulher mais bonita do mundo!
 — Que coincidência! A minha também...

Regresso inesperado:
O patrão: — Estou deveras surpreendido de te encontrar cobitado na minha cama!
O criado: — E eu também! Julgava-o a duzentos quilómetros daqui...

Entre meudes:
 — O que faz o teu pai?
 — Espelhos!
 — E a tua mamã?
 — Mira-se n'elles!

A mulher feia: — Esta noite vi um fantasma no meu quarto!
A mulher bonita: — Credo! Desmaiaste, claro!
A mulher feia: — Eu, não, o fantasma...

Ninguém escreve mais tolices do que meu filho!
 — Mas eu julgava-o muito inteligente!
 — Sim, mas não sei se sabes que é redactor das sessões da Academia das Sciencias...

Pergunta inocente:
 — Vais sair, mamã?
 — Sim, meu filho!
 — Com esse vestido?
 — Claro!
 — Ah, eu julgava que ainda não estavas vestida...

Na loja:
 — Não quero este candieiro economico que comprei ontem aqui. Não arde!
 — O quê, parece-lhe que não é economico!...

Ano Novo

Vida nova

Lá vai a caminho da necropole o 1930. Acompanha-o um grande cortejo de desgraças.

Agora, é que é bater o fadinho com o 31. Na marção do *Kalendario*, s. ex.ª senta-se, no respectivo trono, á direita do Tempo e á esquerda do Destino.

O 31 dá as suas ordens para que se faça a projecção dos *Factos da vida no écran da Verdade*.

Eis o sensacional filme que passa a nossa vista desarmada:

Lá ao longe, muito proximo dum magestoso lago, aformoseado de glicínias, ergue-se omnipotente, no seu pedestal, a correr com os jesuitas, o celebre Marquês de Pombal; mais acima, em campo vasto, para não ficar atrás do Sebastião, também se avista, orgulhoso, a desfiar a força, o Gomes Freire.

Um verdadeiro documentario.
 O 31 está perplexo com os *Factos*, que, na segunda parte, desenrolam o seguinte:

A Avenida da India arborizada em toda a sua extensão; o trafego para a Outra Banda feito pela ponte sobre o Tejo, que representa um grande engenho do Homem, ali no Alto de Santa Catarina; as carreiras aereas dos nossos aparelhos, marca *Parão*; a passagem de funiculares de S. Pedro de Alcantara para o Castelo; e, finalmente, o movimento indescriptivel, medonho, dos clientes no grande e magestoso Hotel das Ilusões, edificado no alto da Avenida da Liberdade.

O 31 estrega as mãos de contente ao verificar tantos e tantos notaveis melhoramentos cívicos. E pensa em fazer a felicidade do povo, dando-lhe tresentos e sessenta e cinco dias de plena ventura com a oscilação da libra de cavallinho para 20 escudos.

Um perfeito Eldorado!

IVINHO.

Para conserva

Na passagem de ano, as redacções dos jornais recebem sempre os necrosos calendarios e agendas, que rapidamente desaparecem, por não terem interesse que justifique a sua conservação. Já não acontecerá o mesmo com a magnifica Agenda para 1931, da casa de conservas, de Espinho, Brandão, Gomes & C.ª, que o *Sempre Fixe* recebeu... e conservara.

Na noite de Ano Bom



— Oh! sr. guarda não me leve preso. Jure-lhe que não me torno a emborrachar este ano.

O presente de Ano Bom



A MAE — Não lhe compres soldados, para não lhe criar gosto pela guerra... Compra-lhe antes uma boneca...
 O PAI — Está bem... Para lhe criar o gosto pelas mulheres...

TAC-TAC-TAC

O Taylorismo, ou -- "Venha de lá a vassoira!"

Todos os meus cultivados leitores sabem o que é o *Taylorismo*. É um sistema que consiste na utilização maxima das faculdades fisicas do individuo, de que primeiro derivou a educação das duas mãos para os mesmos trabalhos e com igual rendimento. Enquanto habitualmente os homens só fazem gestos vigorosos com a dextra, ha quem os faça com as duas mãos, como, por exemplo, os minhoto quando se zangam.

Mas o *Taylorismo* é coisa mais complexa e só na America do Norte é que ele é perfeitamente realizado, buscando-se todos os dias a forma de o aperfeçoar levando ao inexcédível a utilização do que eles chamam «a maquina-homem».

Como o operario americano ganha muito dinheiro, podendo ter, como em geral tem, uma bela casa, automovel e podendo ir todas as noites ao cinema, enquanto na maior parte dos países europeus o proletario não recebe o bastante sequer para comer á vontade com a mulher e os filhos; — é naturalissimo que grande numero destes ultimos procure emigrar para o país dos dolares.

Foi o que succedeu a um operario de Viana do Castelo, de sua profissão mecanico, o qual, depois de procurar em Lisboa levantar o assento da lama, como usa dizer-se, resolveu partir para a America, indo justamente empregar-se numa das formidaveis fabricas de Ford.

Puzeram-no logo á nora, em que a sua missão era serrar duas cavilhas de ferro. Momentos depois, passou um contramestre:

— Ah, é você o português! Pois meu caro, vai-se-lhe ensinar a trabalhar. Pegue lá nessa chave, e abra, e abra! Mais depressa! Mais depressa! Mais depressa! Alguns dias mais tarde, adregou de passar por ali um mestre-chefe.

— Ah, é você o português. Não

senhor, não vai mal. Mas, meu amiguinho, vai ser preciso cortar quatro cavilhas ao mesmo tempo. Você parece que não percebe... Desde que veio para a America, é necessario aprender a servir-se das suas mãos. Tome lá esta outra chave e trabalhe com as duas mãos ao mesmo tempo.

Bastante arrelapado, mas docil, o pobre diabo lá conseguiu, depois de varios e multiplos exercicios, serrar as quatro cavilhas no tempo desejado.

Na semana seguinte, porém, veio a passar por ele um perito de *taylorização*, á busca de algum novo progresso do sistema.

— Os nossos operarios — pensou ele — trabalham com as duas mãos, o que é já alguma coisa, mas os pés continuam inutilizados. Este português não me parece desageitado; vamos experimentar uma coisa.

E, no dia seguinte, o minhoto tinha, sob cada pé, um pedal que accionava uma bomba, e, sem deixar de serrar as cavilhas, enchia pneumáticos.

O patrão não podia desinteressar-se duma utilização assim tão completa dos meios do individuo. Assim, logo que de tal foi avisado, o proprio Ford veio em pessoa apreciar o resultado.

O desgraçado operario, suando ás estopinhas e bufando como um toiro, trabalhava com as mãos, e ao mesmo tempo que se desarticulava todo para dar aos pedais.

— Olá, meu rapaz, você é que é o português? Não, senhor, não vai mal; você aprende bem a trabalhar. Na America, como você vê, sabemos utilizar a mão d'obra até ao maximo. Que diz você á isto?...

— Digo, sr. Ford, — respondeu, furioso, o português — que com o talhe dessa maquina de serrar, das certo não, a não posso serrar o papel de varredor.

CIRANO DE VELHOFRAC.



---Deem uma esmolinha a este desgraçado que passou o Natal sem perú nem champagne.

TRES POR UMA

As scenas tragicas da emigração

Seis portugueses resolveram emigrar para procurar trabalho o mais longe que vossas excelencias possam imaginar. Uma noite, depois de seis scenas lancinantes, puzeram-se a caminho da Galiza o mais a pé que é possível andar-se. Iam todos muito tristes e levavam como mascote uma cadelinha, a unica que não fizera uma scena lancinante a despedir-se, porque a mãe, uma grande cadela, engeitara a filha e o pai, um enormissimo cão, estava empregado como cão de caça e não queria saber da familia.

A jornada foi toda a pé, a caminho da ponte internacional sobre o rio Minho, que eles começaram a atravessar.

Aquilo lá pela Galiza tambem vai mal. Tão mal que seis cidadãos de Tuy resolveram tambem emigrar e vir para Portugal.

Seis scenas tambem muito lancinantes e os nossos queridos «hermanos» puzeram-se tambem a caminho, direitos á mesma ponte internacional e sem cadela ou qualquer outro bicho que de longe se parecesse.

A jornada tambem foi a pé e cá estão eles agora sobre a ponte internacional, que começaram a atravessar.

A melo da ponte, os seis portugueses e a cadelinha encontram-se com os seis distintissimos e futuros subditos espanhóis em Lisboa. Saudações do estilo, cumprimentos, desejos de boa viagem, diversas frases banais, até que um dos galegos se lembrou de perguntar:

— Não vamos lá procurar trabalho — respondeu o mais falante dos portugueses.

Os espanhóis protestaram, dizendo que na Galiza era tanta a falta de trabalho que até eles tinham que ir procurar trabalho a Portugal, e, por sua vez, os portugueses protestaram, dizendo que em Portugal o trabalho tambem estava a encolher de uma forma assustadora que até os obrigava a procurar trabalho na Galiza, etc., etc.

Palavra puxa palavra e a conversa já degenerara em questão. Só a cadelinha, alheia áquilo tudo, contemplava embevecida a linda paisagem.

A questão já estava mais azeda que o vinho verde, quando os seis portugueses e os seis galegos se envolveram numa desordem renhida. A luta foi emocionante e os portugueses atiram com três *nuestros hermanos* da ponte abaixo e os *nuestros hermanos* agarraram na cadelinha não se sabe por onde e mandaram-na á procura dos três patricios.

Os portugueses seguiram o caminho para a Galiza e os espanhóis ficaram sobre a ponte, muito tristes e olhando a agua a fazer balõesinhos.

Um dos espanhóis lembrou-se de começar a lamentar os três colegas que haviam desaparecido nas aguas.

— Ai os nossos ricos colegas que morreram, coitadinhos. Saimos seis da Galiza e já só vamos três. Eles diziam isto lá na sua lingua, mas vai traduzido para facil compreensão do leitor.

— Como é que nós havemos de participar ás familias o desastre que lhes aconteceu! — choramingou o segundo.

— Não chorem! — animou o terceiro. — Os portugueses mataram os seus parentes, mas não mataram os nossos. Vamos lá procurar trabalho — respondeu o mais falante dos portugueses.

FERNANDO D'AVILA.

Cacharolete Elevador da Gloria

A Cega

Não percebo, francamente, a zaragata terrível que faz p'r'aí toda a gente pelo crime grande e «órrível» duma ceguinha indigente.

Censuram alguns jornais que, sendo cega ha vint'anos, percorra ruas e cais, implorando dos humanos alguns magros capitais.

E dão pormenores que, enfim, deveriam ser guardados, pois — o que me imorta a mim quantos escudos guardados tinha a ceguinha, por fim?

E o que te importa, leitor, se a Aurora — que é mulher — tambem cultiva o amór e vive com quem bem quere, num «ménage» acolhedor?

Então — pelo que se diz — já hoje não pode alguém fugir á sorte infeliz que na pobre vida tem e p'curar ser feliz?

Deixem pedir a pobresa, e muito mais os ceguinhos! E não se importe a esperteza de lá p'ros Sete Moinhos tem casa, cama e mesa!...

O HOMEM DOS TIMBALES...

Lisboa... á vela

Vê-se ainda per Lisboa, Penduradas nas janelas, As calcinhas das donzelas E as camisas da patrão.

Não ha direito? E' boa... Deixai desfraldar as velas Das antigas caravelas De Malaca, Ormuz e Góa.

Com calcinhas penduradas, Ou com velas desfraldadas, Isto é sempre como d'antes...

A tradição nacional... E' ou não é Portugal Um pais de navegantes?

REI DO PARNASO.

Entre marido e mulher:
Ela: — Parto agora de comboio com minha mãe!

Ele: — Toma lá dinheiro para o bilhete! Podes demorar-te o tempo que quizeres...

Ela: — Não, tenho o bastante! Já comprei bilhete de ida e volta...

Na rua:

Ele: — Não te parece que chegou o momento de nos casarmos?

Ela: — E quem me leva depois a passear?

Um bom conselho:

Antunes: — Tu, que estás casado, diz-me se tenho bastante para contrair matrimonio. Ganho...

Soares: — Não digas mais! Por muito que ganhes, não ganhas o bastante...

Ponto de interrogação:

Ele: — Que te parece o seu novo marido?

Ela: — Não sei, nunca estive casada com ele!...

Resposta de preguiçoso:

Ela: — Compraste um acendedor?

Ele: — Sim, o medico ordenou-me que faça exercicio...

Numa taberna:

O bebado: — Um litro de tinto!

O taberneiro: — E dois copos?

O bebado: — Não tenho tanta sede que seja preciso beber com as duas mãos...

Estravagancias:

— Que fazes com essa lanterna na mão?

— Como o medico me disse que esteu perdendo a vista, resolvi não usar olhos...

Numa exposição:

Ela: — E a estes quadros tão feios chama o senhor arte mederna?

Ele: — Perdão, v. ex. parou em frente do meu espelho!...

Na noite de Ano Bom



Pelo vinho entrei eu com facilidade, mas agora a vêr vamos se tambem sou capaz de entrar em casa.

A unica falta

de Simão Pascoal

Simão Caetano Pascoal era amannense duma repartição do Estado havia vinte anos e contava exactamente o mesmo numero de felicidade conjugal, pois apenas vira estampado no *Diário do Governo* a sua nomeação, correrá a casa do pai da sua bela, implorando a graça de lhe consentir que com ela fosse fazer o que já os seus progenitores haviam feito.

Morto estava Mestre Wenceslau Barriga por se ver livre da menina, porque lhe pinha o sal na moleira com o seu genio autoritario e os seus ataques de nervos, mormente desde que a sua esposa, farta de lhe aturar a estupidez e o resto, se safara pela porta do cemiterio, á falta doutro.

Assim, não havendo difficuldades a resolver, e comprados os indispensaveis tarcos, numa bela manhã, a menina Luzia Barriga, vestida de azul e mantilha branco, que anda a tornava mais trigueira e vésiga do que a natureza a fizera, dava, na igreja de S. Paulo, o «sim» matrimonial ao seu apaixonado e passava a ser *madame* Pascoal.

Mestre Wenceslau fechou nesse dia a sua loja de barbeiro e festejou o acontecimento com uma carraspana monumental, coisa que Simão Caetano levou muito a mal, como homem isento de vicios e amante dos bons costumes.

Logo desde o começo da vida conjugal, incluindo a respectiva lua de mel marcada na historia dos dias felizes com alguns passeios ás hortas e uma noite na «geral» do Coliseu, Luzia ensinou a Pascoal a regra do bom viver.

Ela era a senhora absoluta de tudo quanto ele possuía e ganhava. No primeiro dia de cada mês, mal entrava em casa, entregava a Luzia o magro ordenado, sem lhe faltar um real.

Alguma vez, e não era sempre, ela dava-lhe vinte centavos e licença para ir cortar o cabelo!

Pascoal era resignado e tímido; por isso, embora alguma vez tivesse uns vagos vislumbres de revolta, acobardava-se e a tentativa, limitando-se ao estreito ambito do seu cerebro acanhado, por ali ficava.

Só ele dava por isso. Vingava-se em dormir. Deitava-se ao anoitecer e roncava toda a noite, beautifulmente.

Os colegas da repartição trocavam-no chamando-lhe Pascoal José do Egipto. Ele ria também, mas na no seu intimo sentia-se humilhado... Todos contavam aventuras, conquistas e pandegas; se ele nada tinha que contar.

Os seus dias eram sempre iguais, como as contas dum rosario.

Sim, ele ouvia falar de aventuras amorosas, de mulheres despidas, que bebiam *champagne*, cantavam *malaquenas*, dançavam o *charleston* e fumavam cigarrilhas perfumadas, mas nunca vira nenhuma... de perto, em carne e osso; contemplava-as ás vezes demoradamente nalguma caixa de fosforos antiga ou em postais abrigeados, mas mais nada!

Devia ser bom comer coisas exquisitas e beber vinhos ainda mais exquisitos, altas horas, numa sala luxuosa, com muitas luzes, muito barulho, sons languidos de orquestra e gargalhadas argentinas.

Nunca ele gosaria esse prazer! E, nesses momentos de fantasia, achava a mulher ainda mais feia e vésiga do que era.

Mas estava escrito que Pascoal, o ingenuo Pascoal José do Egipto, não desceria ao tumulo sem ter, pelo menos, uma amostra de todos esses sonhados prazeres.

Um dia, Pascoal regressou da repartição radiante, anunciando á mulher que ia ter um mês de serões.

O ministro ordenara uma empreitada urgente, que seria bem paga.

E logo os dois, ou antes Luzia, começou a fazer planos para se emprezar a gressa dinheirama que, inesperadamente, lhes ia entrar em casa.

No orçamento figuravam duas verbas extraordinarias: uma botas de pelica para ela (nunca tivera nenhuma) e uma navalha mecanica para o Pascoal fazer a barba em casa.

E d'aí até ao fim do mês, ao almoço, ao jantar e ao chá, nunca mais houve outra conversa.

Entretanto, na repartição, os colegas de Pascoal conspiravam.

Ele surpreendera ás vezes certos sorrisos, ligeiras alusões ao *grande dia*, mas de nada desconfiava.

No dia primeiro do mês, depois de recebido o ordenado e a gratificação dos serões, Pascoal foi convidado pelos colegas a acompanhá-los a jantar num restaurante dos arredores.

Comquanto o convite lhe sorrisse, assustou-se a sua natural timidez e recusou.

Por fim, abancaram numa casa conhecida, cujo dono, para que tão

bons fregueses ficassem á vontade, fechou a porta. Então a bambochata chegou ao auge. Pascoal era o heroi da noite.

O seu pasmo e o seu entusiasmo subiram, porém, de ponto quando, já noite alta, deram ingresso na sala de jantar quatro alegres raparigas, de modos provocadores, *voilettes* espalhafatosas e faces pintadas que, sem a menor cerimonia, o começaram a tratar por tu, e até — oh supremo escandaloso! — lhe pespegaram algumas beijos retumbantes nas faces apenas babujados pelos labios castos da sua Luzia!

Qual Luzia nem qual historia!... Bem se lembrava agora Pascoal da Luzia, nem da sua casinha da rua dos Remedios, nem das scenas que o esperavam quando ali regressasse...

Pascoal armou nessa noite em pandego de mão cheia! Comeu, bebeu, cantou e fado, empiteirou-se e não foi insensível ao requiebro duma das divas...

Fez, em resumo, as delicias dos colegas que, por fim, tiveram de o ir depositar, já dia claro, bebado como um cacho, nos braços amoraveis de Luzia, que mimoseou os caridosos condutores com um chuveiro de... gentilezas.

O que se passou depois nunca ninguém o soube.

Pascoal apareceu no dia seguinte na repartição com dois galos na testa... Que tinha caído na escada — respondeu ele ás perguntas alegres e mordazes dos colegas...

E foi esta a unica falta do pobre Simão Pascoal.

MATOS ALÉM.

PINHEIROS MALUCOS

Um literato genial,
De espirito bem gentil,
Tinha a queda especial
P'ra literatura infantil
E p'ros centes de Natal.

Lembro um conto primoroso
Que em bebé li ao serão
Co'o peito a estalar de gozo
Dum pinheirinho valdoso,
Rido pela ambição.

Isolado entre a verdura,
E entre o silencio profundo
Maldizia a desventura,
Pois queria botar figura
Na roda do grande mundo.

Um bellissimo Bolo Rei

A scena que vou contar é autentica e passou-se faz agora precisamente um ano.

O sr. Mastiga, homem muito conhecido no meio lisboeta, era coido, e ainda é, por *Bolo Rei*. Chegou o Natal e começam a aparecer belos Bolos Rei nas montras, e Mastiga todo se rebola com a ideia de comer um. Mas eis que a policia de fiscalização dos generes declara que a quarta parte dos bolos estavam falsificados. Mastiga coça o queixo, pensa durante um bom quarto de hora com a cabeça do dedo mínimo e tem uma ideia genial. Entra numa pastelaria, manda pesar quatro Bolos Rei e pede para fazerem quatro embrulhos, cada qual com o seu bolo.

Puxa da carteira e declara para o caixeiro:

— Levo apenas três bolos e fi quem os senhores com a quarta parte da minha compra, que eu não levo nem vou no embrulho.

MISSIO.



Desfazendo-se em caruma,
Da terra não quer ser escravo;
— O que vem provar, em suma,
Que se o pinheiro era bravo,
Não tinha pinha nenhuma. —

Té que um dia, por seu mal,
O levam para um salão
Como arvore do Natal,
Para acabar, afinal,
Feito em cinzas no fogão.

O grande escritor fecundo
Pôs de moral muito suco
Neste conceito profundo:
Porque existe neste mundo
Muito... Pinheiro Maluco!...

JOAO FERNANDES.

"O exame do meu menino"

«O meu menino», aquela gentil criança que durante uns poucos de meses fez rir Lisboa inteira com as suas gracinhas, foi examinado ha dias no teatro da Trindade, dando provas cabais da sua estupidez cada vez mais brilhante.

«O exame do meu menino», que acabamos de receber num comprimido da Parceria Pereira, é da autoria do nosso distincto camarada dr. Augusto Cunha, que, em cada dilate do menino, firma os seus creditos de intelligencia e humorismo.

A interessante *bluette*, agora posta á venda, é das tais que não se podem medir aos palmos, porque não chegaria á craveira, mas é das que gostosamente se desmancha com os olhos, tão rapidamente como se empia qualquer coisa comprando. A seguir se que affixante, temos, pois, o comprimido hilariante.

O fiel e o contrapeso

Anacleto de Sousa, abastado capitalista, era compadre e amigo de Joaquim Carneiro, o mais anafado e honesto merceeiro da rua de S. João, da mui nobre e virginal cidade do Porto. Celibatário dos quatro costados, chegara a idade madura sem conhecer os carinhos e as docuras duma esposa.

O compadre Carneiro era o seu fornecedor de viveres. Anacleto confiava plenamente na honestidade do seu amigo merceeiro, mas como o seguro morreu de velho, o Sousa lá em carne e osso faz o seu fornecimento. O. a. um dia, depois do estagnado passeio pela Praça de D. Pedro, o nosso Anacleto desce a rua do Mousinho e entra sorridente na mercearia da rua de S. João, para abraçar o compadre e mostrar um gallo de manteiga.

Sorridente, o Carneiro nava da pá e agra habilidosa e sorriente a balança um peso da libra guardado.

O fiel inclina-se para um e outro lado, até que fica a pumo e effecto como um soldado prussiano.

— Bem pesado, compadre! — exclama sorridente o Carneiro.

Anacleto, que se conservava guardado e mudo como uma teia, presenciando a manobra do merceeiro, replica de repente:

— Compadre, como se chama este peixeiro que marca tão matematicamente a quantidade de peixe entre os dois pratos da balança?

Responde o Carneiro, espantado:

— É o Fiel!

Anacleto chega-se ao envide do horizontal do prato e murmura-lhe ironicamente:

— E tu, o pedaco de chumbo que é o meu Fiel, cou tuo sorratamente debaixo deste prato? — E indica-lhe o lado da balança onde estava a manteiga?

O Carneiro, apanhado com a boca na botija, fica meio confuso e só consegue balbuciar:

— E... e... o contrapeso...

Os dias passaram-se sem que este incidente viesse desmanchar tão solida amizade.

O Carneiro, como de resto todos os Carneiros, era casado. Um dia descobriu que a sua cara-metade o atraçoava.

Ao principio teve gestos iracundos dum Otelo, mas receando um escandalo que o prejudicasse nos negocios, resolveu chorar as suas maguas junto do compadre.

— Uma desgraça, compadre, uma verdadeira catastrophe! — choramin-gava o merceeiro.

— O' homem, socegue! — consolava o Anacleto.

— Mas eu, — retorquia o Carneiro — que sempre fui um escravo do dever... um marido honesto... fiel...

— Ora ahi está! — grita o Anacleto, triunfante — Fiel... fiel... fiel... Pois essa armação que tua mulher tão sorratamente colocou sobre a sua frente... é... é o contrapeso!

DON X.

DESSPORTOS

Como é hoje o fim do ano, E' justo que se avalie O trabalho ultra-insano, E que tambem se aprecie As canceiras que tiveram Os homens que dispuzeram Do desporto português. Vou vos ser muito sincero: Vou dizer o que se fez. No meu entender: um...

Consumiram-se linguadas De papel, é bom de ver, Em assuntos maldadados Que não interessam ninguém Da vontade de dizer A esses tipos chalados... Ora passem muito bem.

Mil novecentos e trinta Não troça boa pinta e só nos trouxe tristeza. Alacer-Kibir revive, Tangem guitarras, chorando As aventuras do passado, Sobre raga portuguesa Que de fuscos linda vive, Mas vive somente ouvindo Anda tudo embaralhado. O foot-ball é um mimo De boa diosofia, Gade não ha berbeicacho, Mas seguem a teoria: — Agora que estou no cinema, Deixei calcar os de bala, Passou-se o dia na cinema, Que inda se receivesse Bem bem como era de capitão, Quanto mais o tempo avançava, Mais a esperança se esvanecia De a paz um dia voltar.

Lisboa segue serena Na sua senda fatal. Palavra! mete-me pena Ver tamanha estupidez No foot-ball nacional, Mas é feticio português. É se é feticio, nada faz Qualquer desejo de paz, De concordia, de harmonia, Pobre Lisboa! admira Que seja assim tão casmurra.

... e diferente a quem a empurra, A terra girando gira Dia e noite noite e dia.

Na natureza tambem ha ve Fugir os de caranguejo, Desprezadamente no desejo De voltar a folha de couve, Houverao pates, capizes De modo a não duvidar, Devido desas pazes, Pelo ha grupos de tabazes Que não postam do com-estar, E se vos for a costar Tanto as varias asneiras Que de milharas mancinhas Se vão a realizar, Com um jornal dum jornal (E não julguem que isto é ferio) Da ideia da miseria De o esporte nacional.

E aqui está, ó meus senhores, A história dos dissabores Que vos ha deois de cor, E vamos ficas pedir Que no ano que ha de vir Não troceira a teoria.

JOSE MARIA

NO "REVEILLON"



CUNHA-BARROS 924

— E para acompanhar V. Ex. desejo alguma coisa?
— Sim. Traga-me a banda da Guarda Republicana.

Prosa de Cha-Velho

Mestre Segurado, surpreendido por nós na «Brasileira» do Chiado enquanto tomava um café, começou por nos dizer que não tinha assucar.

— Não tem, mas manda-se vir — dissémos, dispostos a chamar o «João France».

— Não mande, que eu não posso tomar e é por não tomá-lo que o não tenho.

Todos «refriar» com a situação, proprio do «Amigo Barba», quando nos recordamos da maritima de Mestre Segurado. Limita-nos-nos, portanto, a verificar o realimento, já não tem assucar o a-sucarado emprezario das praças do Campo Pequeno, Alge's e de Além-Mar, que é como quem diz de Almada.

E passamos a interrogar-lo acerca dos seus projectos para a futura época taurina.

— Comecei por començar quasi uma centena de touros puros de boa procedencia e que me livrará de certas exigencias, de ganadros e de toureiros...

— Os melhores contratados?

— Os melhores, meu amigo, os melhores!

— No francês e espanhol...

— Sim, senhor, nacionais e espanhóis. Mas, porque os melhores dos espanhóis tem todos doningos anteriormente tomados e necessario é contractar com antecedencia para garantir das emprezas, justo é que a estas se garantam tambem facilidades, como aquelas que é vinda de picadores se referem. Claro que a vinda de picadores seria com todas as precauções, para cavalos e touros isto é com «peitos» e «puyas» mínimas, e assim mesmo raras vezes, só para justificar a vinda dos grandes toureiros, como Marcial e «Bienvenida», e para que a «aficção» possa admirar os seus «quites» primorosos.

Tranquilisamos Mestre Segurado, afirmando-lhe que o sr. Inspector Geral dos Espectaculos saberá ter em conta o interesse dos «aficionados» e das emprezas, a todos contentando, na medida do possível, como é seu costume.

— Assim o creio tambem — disse Segurado, acrescentando que as facilidades que o sr. Inspector entenda conceder aproveitarão tambem á Grande Corrida Espanhola que, como no ano anterior, organizará a favor da Caixa de Beneficencia do Sindicato dos Jornalistas, a já consagrada «Corrida da Imprensa».

— Muito bem. E quando se inicia a temporada?

— O mais depressa possível, sendo meu desejo promover antes uma festa para «aficionados» e, pela temporada fóra, algumas diversões no genero das que em Espanha se realizam nas melhores praças e antes e depois das melhores «feiras», porque nem só de «corridas» boas vivem as emprezas e, de vez em quando, até sabe bem uma «charlotada» ou um «Empastre» como o que agora lá está fazendo furor.

Eis o que, brincando-brincando, como convém ao Fixe, nos disse Mestre Segurado.

PEREZ LA CHAISE.

Quereis dinheiro?

Jogal no



Em do Largo, 11 - LISBOA

Sempre sortes grandes

BARBE-F-SE COM LAMINAS



As de mais lina tem era

Café Popular

Rua Luz Garcia n.º 7 ad
Reabriu completamente remodelado
— Nova gerencia.
Parque de jardins e almoços para
...
Conforto, Comodidade e aceso

ECOS DA SEMANA

A MULHER DE CASCAIS DEITOU A CASTANHA FORA MAS OUTRAS AGORA ENDINHEIRADAS A TEM APANHADO



MUSSOLINI NÃO DESEJANDO QUE NADA SE LEVANTE MAIS ALTO DO QUE ELE APROVEITOU A IDEIA DA GARRAFA-AEREA E APLICOU-SE EM AEROSTATO A UM DOS 12 AVIÕES



OS PESCADORES ANTES DA TALUDA REBOLAVAM-SE DE ALEGRIA AGORA NÃO SE REBOLAM PARA NÃO ESPALHAR A MASSA



ASPECTO DA AULA DO CONSERVATORIO -: CAMARA-CÓROS-ORQUESTRA-DIRIGIDA PELO MAESTRO HERMINIO DO FALECIMENTO (LAGARTO-LAGARTO) + A COBRA



CHEGARAM A LISBOA, JÁ BASTANTE GASTOS, OS ESTUDANTES-PEDESTRIANOS DE MADRID.

NO STAND "OPEL V OSO" ESTA PATENTE O ELEGANTE ANTIGOS SOARES E AS SUAS ELEGANCIAS FEMÉNICAS



1931

